



IDENTIDADES E PERFORMANCES ABNEGADAS, O (NÃO) LOCAL DAS TRANSMASCULINIDADES

Apolo Vincent Silva de Oliveira ¹

RESUMO

Diante da ausência do corpo transmaculino em abordagens científicas relativas à temática “masculinidade”, o presente trabalho analisa o processo de abnegação vivenciado pelas transmasculinidades. Amparando-se principalmente em postulados de grandes representações do feminismo, problematiza-se dispositivos que impulsionam identidades transmasculinas a se espelharem em um arquétipo de masculinidade pensado para a exclusão dos corpos constituidores da categoria “homem”. À luz do pensamento psicanalítico galga-se a reflexão em torno do prazer envolto na assimilação das transmasculinidades para com a cismasculinidade. Considerando a ideologia constituidora da masculinidade cis-hegemônica, enquanto fundamentalmente excludente para determinadas identidades, aponta-se a masculinidade como uma armadilha potencialmente nociva para específicos sujeitos. Constatando a severidade dos impactos que as geografias das masculinidades socialmente validadas têm nas subjetividades transmasculinas, distingue-se os processos aos quais as masculinidades estão propensas a passarem e as diferentes dosagens dos efeitos abarcados por masculinidades cisgêneras e transgêneras. Revelando, por fim, o quanto pensar masculinidades transgêneras, diante da conjuntura na qual as masculinidades hegemônicas se sustentam, ameaça a estrutura normativa das categorias de sexo e gênero.

Palavras-chave: Gênero; Masculinidade; Performance; Transmasculinidade

INTRODUÇÃO

A sociedade, com o imaginário enraizado acerca das possibilidades de representação para as categorias binárias de gênero, abnega sistematicamente corpos que apresentem a “ausência” imposta para corpos inadequados ao modelo de hombridade que viabiliza a legitimação das masculinidades. Quando fazemos o movimento de olhar para a historicidade colonial, enxergamos a pungência das elaborações comportamentais cisgêneras constituidores das representações mentais dos sujeitos duma dada sociedade. Defronte a uma construção genérica de preferências que dizem sobre quererem eurocêntricos e ocidentais, percebemos os gostos convencionalmente cultivados como naturais acerca da aceitabilidade dos sujeitos, seus corpos e seus respectivos discursos, dizendo sobre o seguimento de instruções deixadas para a manutenção da valorização da cultura construtora de categoriaa como a masculina. A definição binária entre ser homem ou mulher, ampara-se em concepções biologizantes que não compreendem identidades que não estejam envoltas no molde naturalizado da cisgeneridade. Dessa forma, a cisgeneridade é uma potente arma para o lado opressor das hierarquias existente entre as classes de sujeitos. Compreendendo a masculinidade como artifício para a manutenção do poder cis-masculino, a reivindicação da masculinidade entoada por “vozes não autorizadas”

¹ Graduando do Curso de **Letras-Língua Portuguesa** da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB, polinhoapl@gmail.com;



simboliza o que Dalcastagnè (2012) conceitua como “contestação territorial” de espaços de espaços também contestados pelos que detém, em virtude dum processo histórico de colonialismo, poder para estruturar e demarcar a legitimidade de suas vozes e privilégios. Em detrimento da não correspondência das transmasculinidades aos pré-requisitos cis-normativos exigidos para validar masculinidades, esses corpos encontram-se passíveis a violências subjetivas meticulosamente articuladas para serem direcionadas aos que ousam desafiar a estabilidade dos locais e hierarquias delimitados entre as categorias de sujeitos. Corpos transmasculinos, diante da divergência paa com os beneficiados pela demarcação biológica dos corpos, interiorizam concepções abnegativas de anormalidade e deficiência, desde os primórdios introjetadas como intrínsecas a tais identidades. As restrições construídas em torno da masculinidade socialmente valorada e reconhecida enquanto legítima, define quais corpos têm acesso ao território masculino a ser disputado entre masculinidades conservadoras e de ideais arcaicos e coloniais e masculinidades transviadas.

METODOLOGIA

A presente estudo foi desenvolvido mediante análise bibliográfica de referenciais teóricos atinentes às produções que discutem as questões de gênero, a fim de compreender os processos subjetivos pelos quais passam as transmasculinidades enquanto subcategoria da categoria masculina construída e dividida pelas categorias de sexo e gênero. Utilizando-me também, enquanto homem transgênero, como fonte de informações concernentes ao universo transmasculino, não encontradas em outras produções científicas.

DESENVOLVIMENTO

Os estudos desenvolvidos por Butler (2003) acerca das “performances” e “paródias” exercidas diferentemente entre homens e mulheres enquanto categorias de sujeitos, fundamenta a discussão fomentada em torno das constituições das identidades transgêneras enquanto identidades abnegadas em virtude do seu não cabimento nas performances predeterminadas a serem desempenhadas por cada sujeito, enquanto representante duma categoria que atua na normatividade que constrói as relações de gênero. Assim como as discussões realizadas por Beavoir (1960) nos ajuda a pensar a distinção das categorias enquanto provenientes de processos civilizatórios e socializatórios praticados contra identidades em detrimento das especificidades de seus corpos para então, a partir daí, compreender a diferença “essencialista” existente entre masculinidades cisgêneras e transgêneras. Beavoir (2001) também nos ajuda a através da problematização da feminilidade enquanto armadilha, pensar as masculinidades com o mesmo caráter de sagacidade da feminilidade, com predisposição a atingir específicas identidades, como as transmasculinas.

Bakithin (1988), nos ajuda a compreender como os processos de significação ocorrem e constroem, mediante a dialogicidade embutida nas correntes verbais ininterruptas que permeiam as relações interativas entre os sujeitos e suas subsequentes categorias. Através dos significados impressos e manifestos na e pela

língua, à luz da filosofia da linguagem, compreendemos um pouco sobre o processo de significação de si e de mundo propiciada pela língua. Essa reflexão, quando alocada para o campo do gênero, media a compreensão acerca da potencialidade que as discursividades predeterminadas para cada categoria de sujeito, têm de limitar os comportamentos, uma vez que compactuando com discursos normativos, o indivíduo atua na manutenção da legitimidade da sua identidade recorrendo às interações enunciativas.

As reflexões de Freud (1996) tornam mais compreensíveis alguns dos possíveis motivos pelos quais masculinidades subalternizadas insistem em performar parodicamente pré-discursividades pensadas para a segregação, não inclusão, das transmasculinidades no território masculino hegemônico. A psicanálise ajuda a encarar as incorporações normativas realizadas por identidades trans como elaborações resultantes da expectativa de felicidade inerente ao sujeito. A produção de prazer concedida pela verossimilhança performática-discursiva para com os códigos cisgêneros marcam severamente subjetividades transmasculinas, na tentativa de amenizar os impactos provocados por uma sociedade estruturada em princípios excludentes para identidades intransigentes.

Por fim, as concepções “colonialismo”, “colonialidade” e “decolonialidade”, apresentadas por Restrepo e Roja (2010) para explicar a estruturação das hierarquias entre as classes de sujeitos como advindas de processos colonizatórios nos ajuda a fomentar a discussão em torno da masculinidade enquanto oriunda de processos coloniais. A partir dessas noções, problematiza-se na presente pesquisa, a masculinidade como performatividade reproduzida por imaginários impregnados de colonialidade, nos quais as categorias de sexo/gênero foram estruturadas com fins específicos, nos levando a conclusão da necessidade de se pensar masculinidades decoloniais, para que experiências de masculinidades não cisgêneras sejam menos dolorosas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Masculinidade: uma armadilha, performances e paródias fálicas

Beauvoir (2001), através dum recorte voltado para as mulheres enquanto categoria, elucida o caráter problemático das performances binárias de gênero ao abordar a feminilidade como armadilha utilizada para manter mulheres em locais subalternos perante os criadores de elementos tidos como imprescindíveis para legitimar, em detrimento da adequação de corpos femininos às convenções satisfatórias ao bel prazer masculino cisgênero, identidades femininas. Nos apoiando nessa teoria, podemos problematizar a masculinidade como uma armadilha utilizada para a manutenção de hierarquias estruturais, como as existentes entre as categorias de sexo e gênero, mas sobretudo as existentes entre as masculinidades cisgêneras e transgêneras.

Os discursos normativos construídos para serem reproduzidos por sujeitos masculinos, amparam-se em concepções biologizadoras e cisgêneras. Ao se delimitar, socio-discursivamente, possibilidades de exercício de papéis masculinos que se entrelaçam a uma corporalidade específica, conseqüentemente limita-se quais corpos cabem no molde hegemônico do padrão de masculinidade instaurada a fim de preservar um modelo de interação e subserviência deixado em período

colonial. Reconhecendo a limitação demarcada pela cisgeneridade masculina, essa que enfatiza a argumentação cis-sexista de superioridade do ser masculino para com o ser feminino, em decorrência de fatores biológicos, fica nítido que a categoria masculina não foi pensada para corpos com vagina.

Diante do cenário histórico social no qual os sujeitos tiveram suas possibilidades corpóreas e performáticas normativamente definidas e divididas, as prescrições cisgêneras da masculinidade, constituem uma armadilha sistêmica para identidades oprimidas pela essência biológica e cristã na qual a cisgeneridade se respalda. A potencialidade opressiva da masculinidade acentua-se quando pensamos na moldagem desenhada para corpos cis-masculinos tentando ser incorporada por identidades transmasculinas. Além do fato de homens transgêneros ocuparem categoricamente uma posição inferior a de homens cisgêneros, para obter sua legitimidade enquanto sujeito masculino, homens transgêneros muito frequentemente recorrem à tentativas falhas de reproduções fálicas que reforçam a desconformidade de corpos transgêneros na conjuntura da masculinidade cisgênera.

A estrutura binária das categorias sexo/gênero, faz mais que colocar sujeitos intransigentes à norma, na beira, os fazem sentir, através da opressão e repressão, a solidão social-afetiva. As intensivas sanções destinadas aos desobedientes para com as prescrições binárias de gênero, faz com que sujeitos transmasculinos busquem ao máximo o encaixe em performances discursivas-comportamentais cisgêneras. Contudo, uma vez que a estrutura do poder cisgênero, mantém-se através de instrumentos fálicos, muito comumente, identidades transmasculinas, apesar dos esforços, não conseguem a felicidade da legitimidade plena para sua identidade masculina. A recorrência transmasculina à acessórios que remontem a masculinidade cisgênera ao mesmo tempo que produza o efeito libertador de ao não ser detectado enquanto sujeito faltante, ter a possibilidade de experienciar livremente sua identidade masculina, ratifica a sagacidade da masculinidade enquanto armadilha para tais identidades.

Bakhtin (1988) afirma que é através da “consciência de si mesmo” que os indivíduos moldam a si e a seus comportamentos. A medida em que o sujeito trans toma consciência dos discursos constitutivos do imaginário composto por representações masculinas que não condizem com sua existência, esses sujeitos tentam se adequar a tais discursividades, de modo que sua identidade corresponda a leitura feita perante seus corpos, não somente no que tange o estético, mas também no pertencimento às condutas atribuídas a hegemonia masculina. Dessa forma, a “consciência de si” do sujeito masculino enquanto sujeito compositor numa categoria construída nas interações sócio-culturais, se dá mediante normatizações que visam a reprodução de estereótipos masculinos a fim da produção dos efeitos de legitimidade almejados. Para possibilitar através da percepção social da identidade transmasculina enquanto masculina, a visualização de si enquanto sujeito masculino.

Para compreendermos os enlaces realizados pela masculinidade cis-hegemônica, analisemos as interatividades existentes dentro do universo transmasculino. Dentro dessa rede de sujeitos, criou-se um mercado masculino para a suplementação que vai desde o sistema convencional de adequação imposta via hormonização e binariedade para pessoas trans, até recursos masculinos específicos, criados na tentativa compulsória de reproduzir discursividades hegemônicas da masculinidades, no que tange a “complementação” socio-afetiva, até complementações substanciais que mediante as interações cis-normativas entre as categorias de sexo/gênero, constroem a necessidade desses sujeitos de recorrerem a artefatos fálicos, por ser através dessa distinção corpórea que se distingue identidades masculinas legítimas e ilegítimas.

Um artefato fálico muito utilizado com a finalidade de legitimar masculinidades trans são os “packers”, apetrecho famoso e cobiçado no meio transmasculino. Diferentemente dos “binders” (produto utilizado para a

compressão dos “intrusos”, termo utilizado por homens trans para designar os seios), esse acessório não possui funções que dizem sobre uma adequação corpórea para melhor lida com relações sociais que direcionam a discursividades de aceitabilidade apenas para corpos uniformes. Os packers, próteses penianas com diferenciadas características das próteses convencionais, não se restringem ao uso com fins de validações provenientes da aferição estética social do gênero, esse item revela um adestramento psicológico pelo qual identidades transmasculinas são submetidas.

Os packers podem ser realistas ou simples, sendo os realistas compostos por testículos “3D”, veias e pintura manual. Essas próteses podem ter como função: “volume”; “masturbação”; “sexo” e “STP” (Stand to pee), essa última com utilidade de urinar em pé, sendo possível a junção de funções. De acordo com a etimologia do vocábulo “packer”, o mesmo não é oriundo da língua portuguesa, assim como sua origem também vem do exterior para o Brasil. Algumas significações disponíveis na internet para o termo “packer”, traduzidas do inglês para o português são: “empacotador”, “enfardador”. Por um lado, “empacotar” remete a ideia de embrulho, cobertura de algo que precisa ser revertido para tornar-se mais atrativo, agradável e, por outro, o “enfardador” pode ser entendido, amparando-se na cisgeneridade, como um fardamento necessário para a identificação de sujeitos masculinos.

No cenário nacional, os packers são majoritariamente produzidos por homens trans a serviço de outros homens trans. As próprias funções dos packers nos ajudam a compreender a severidade da ação normativa contida nesse mercado construído para limitar a existência de identidades contrárias a normatividade mercadológica cisgênera dos corpos. Para muitos homens trans, o packer passa a ser parte de si, atuando na modelagem das discursividades comportamentais produzidas por identidades transmasculinas que ao se apoderarem desse acessório, tornam suas reproduções masculinas mais verossímeis. Apreendendo as subseqüentes enunciações de validação da identidade masculina suscitada pela reprodução de performatividades que dialoguem com a hegemonia cis-masculina, a experiência da masculinidade para corpos transmasculinos, torna-se menos dolorosa.

Compreendemos assim, que para homens trans, o uso do packer pode representar a possibilidade de gozar plenamente da identidade reivindicada. Levando em consideração a noção de “gênero verdadeiro” enquanto “fantasia instituída e inscrita sobre a superfície dos corpos” nas quais “os gêneros não podem ser nem verdadeiros nem falsos, mas somente produzidos como efeitos de verdade de um discurso sobre a identidade primária e estável” (BUTLER, 2003, p. 195) percebemos o packer como artifício que alude a estrutura da masculinidade cisgênera, promovendo a ilusória adequação corpórea e conseqüentemente identitária, a sujeitos anômalos. Utilizar um packer pode, mesmo que inconscientemente, produzir em homens trans efeitos que remontem a “discursividade primária” da identidade a ser performada e, assim, o conceda reconhecimento.

O prazer, uma estratégia de poder

O sujeito transmasculino tenta se adequar a um padrão predeterminado de masculinidade, objetivando a plenitude identitária, sem dá-se conta de que as configurações da masculinidade hegemônica representam uma armadilha para suas subjetividades cerceadas para poderem existir. A utilização do packer representa a dificuldade na formação de masculinidades que recorreram a instrumentos fálicos. Construiu-se em torno dos packers uma espécie de prazer que não se dá necessariamente por estímulos sexuais, é o prazer da semelhança e da possibilidade de conforto que assemelhar-se ao molde cisgênero de masculinidade pode parecer conceder e, em certas instâncias realmente conceder. Passíveis a produção de discursividades que compactuem com às prescrições culturalmente predeterminadas para ser homem,

sujeitos transmasculinos sentem-se legítimos. Ou seja, o prazer viabilizado pelo packer é fomentado mediante a produção do sentimento de legitimidade masculina resultante de seu uso.

O prazer produzido pela utilização de packers não se assemelha ao prazer concedido por próteses penianas convencionais vendidas em sex shops, pela não restrição do mesmo a contextos sexuais. O prazer que a ferramenta packer provoca não é ingênuo, no contexto sexual ele atua a serviço de noções sexuais baseadas em princípios cis-heterossexuais falocêntricos, na qual é imprescindível que o homem faça uso do que simboliza sua masculinidade no ato sexual, uma vez que essa é uma esfera na qual as concepções hierárquicas de poder entre as classes masculinas e femininas de sujeitos, mediante incorporações performáticas, materializam-se. Materializadas, tais concepções distintoras dos papéis cabíveis ao homem e a mulher, explicitam as identidades que são masculinas ou femininas. Esse produto, criado especificamente para o público transmasculino, para ser usado cotidianamente como volume e STP, resignifica as subjetividades das transidentidades masculinas que passam a contrariar às prescrições utilizadas na socialização recebida por tais identidades.

A fim de obter a felicidade definida por Freud (1996) enquanto “ausência de dor e desprazer”, provocados pelo impacto da civilização exercida socialmente perante os sujeitos, essa gerida pela cis-masculinidades, as transmasculinidades tentam assimilar-se às convenções identitárias cisgêneras em torno das categorias sexo e gênero. O "prazer psicológico", afirmado pelos que abdicam ao usarem packers, do prazer provocado pelo estímulo da sua genitália, bem como o prazer na utilização dos mesmos para a realização de necessidades fisiológicas, tendem a omitir a potencialidade da normatividade compulsória pela qual as transmasculinidades são impulsionadas a performarem. Ao sentir-se mais confortável ao manter relações sexuais com o packer, usá-lo como volume cotidianamente e usá-lo para urinar, o sujeito trans concorda que esse acessório atua na construção de sua identidade construída mediante a incorporação de discursividades binárias em torno da categoria sexo/gênero predeterminadas à sua existência.

Dessa forma, podemos compreender o prazer concedido pelos packers como uma estratégia para corpos que precisam ser conduzidos a locais discursivos predeterminados para então terem a felicidade de não serem acometidos pela infelicidade predestinada aos que não possuem performances civilizadas. O prazer do sentimento de pertença ao local masculino, provocado pelo acesso às discursividades comportamentais que dizem sobre condutas culturalmente cultivadas com masculinas, pode ser entendido como um processo que garante legitimidade não somente socialmente, como também subjetivamente, uma vez que a validação do sujeito para consigo mesmo, constrói-se mediante validações advindas das interações sociais. Consistindo, dessa forma, num artifício cisgênero para direcionar as subjetividades de indivíduos trans à reprodução de performatividades de gênero que os adequem a uniformidade cis-heterossexual que o concede prazer e felicidade.

Crises masculinas: cisgeneridade vs transgeneridade

O construto da masculinidade concede a sujeitos masculinos diferentes sentimentos, incutidos durante socializações e construções identitárias. Identidades cis-masculinas passam por processos designados especificamente para corpos construídos para ocuparem a categoria masculina. Por um lado, no caso das masculinidades cisgêneras, a construção designada a esses sujeitos durante sua fase de desenvolvimento emocional, físico, intelectual mais frutífera - a adolescência é moldada pela vagueza e falta de responsabilidades. Os ensinamentos apreendidos nas fases iniciais da construção identitária de sujeitos cis-

masculinos são cristalizados nas fases sucessoras da vida de homens cisgêneros, tornando-se difícil a execução de performances que não digam sobre as construções deficitárias recebidas.

No início da formação das mentalidades dos sujeitos, são destinados papéis específicos aos sujeitos, em detrimento das categorias as quais pertençam, todos postulados em divisões baseadas em prescrições cisgêneras e binárias. As designações feitas para os sujeitos cis-masculinos respaldam-se no “ser” inerente aos sujeitos que carregam a responsabilidade de cumprir os papéis designados a homens em formação, esse “ser” solidificado como superior numa estrutura colonial e patriarcal, crê-se inato às identidades sucessoras dos homens formados. As construções das masculinidades cisgêneras concedem a seus representantes o senso de irresponsabilidade para com suas próprias ações e para com o outro, pois apoia-se na ideia de imaturidade inerente a tais identidades, na qual a consequência de seus atos recai sobre a figura materna, enquanto encarregada de criar bem seus filhos. Desse modo, forma-se um sujeito que possui poder inato, pelo fato de ser homem, na lógica cis-sexista, mas em contrapartida, por esse mesmo motivo, esses sujeitos recebem uma formação identitária que ao vivenciada mediante performances que se opõem às discursividades iniciais da formação de suas identidades, a fim de legitimar o que lhe disseram ser direito de nascença, forma identidade frágeis.

A crise cis-masculina advém não somente da divergência entre realidade subjetiva socio-culturalmente construída, como também é fomentada pelo “desamparo” materno, impulsionando esses sujeitos, quando homens-formados, a recorrerem a figura materna em envoltórios afetivos-sexuais como modo de atenuar a sobrecarga das atribuições masculinas. É a serviço da manutenção de identidades deficientes como a da masculinidade cisgênera que identidades femininas são construídas, na lógica do cuidado necessário para suprir a ausência do local da sujeita que arcava com os descarregos de identidades dependentes. Apesar da discussão central não ser em torno da relação entre masculinidade e feminilidade, a categoria feminina é precisa para pensar masculinidades, pelo fato das arquiteturas dessas categorias serem pensadas uma em detrimento da outra.

A cobrança social para com as masculinidades cisgêneras provoca nessas masculinidades uma crise em virtude da necessidade de correspondência às exigências inusitadas de responsabilidades as quais tais sujeitos não foram preparados para desempenhar, senão através do não ser o que passa a ser exigido pela aparente não necessidade de ser o que compõe o que se cultivou uma vida inteira como inatamente constituidor do mesmo. Ser o oposto do exigido (sério, responsável e maduro), no momento em que o menino-homem passa a ser homem, traz a esse sujeito desafios para com a própria identidade que compulsoriamente começa a ser configurada. Diante da precisão de ser o esperado, corpos cis-masculinos precisam lutar para permanecer ocupando seus devidos locais.

Essa cobrança é um modo de assegurar que as identidades não desviem dos percursos culturalmente delimitados e, atuem a serviço da manutenção tanto da cisgeneridade, ao legitimar masculinidades, quanto de outros sistemas hierárquicos estrategicamente vinculados um ao outro, como é o caso da heterossexualidade. É nessas circunstâncias que a heterossexualidade possui peso obrigatório para sujeitos cis-masculinos, pois compensa o déficit encontrado em identidades que legitima de específicas formas, o que é ser homem. Diante do despreparo para com parte das exigências feitas aos sujeitos masculinos, a recorrência à cis-heterossexualidade torna-se um modo de corresponder às projeções binárias cobradas a fim de comprovar as identidades que dependem de convencionais discursividades performáticas para serem validadas socialmente.

O elo estrategicamente formado entre a cisgeneridade e a heterossexualidade, mantém a uniformização normativa dos sujeitos, identificados mediante o “fardamento” de discursividades a serem aferidas pelo imaginário social constituído por

representações e significações específicas acerca do ser um corpo discursivizado como masculino. Diante do controle social para com as identidades, as transmasculinidades são impulsionadas a almejam uma leitura socialmente correspondente a sua identidade de gênero, mediante uma passabilidade (leitura social condizente à identidade de gênero da pessoa trans). A heterossexualidade chega ao indivíduo transmasculino como elemento essencial para ser homem, pelo fato de ser uma exigência inclusive para os “legalmente” homens. Assim sendo, para o sujeito transmasculino afirmar-se heterossexual diante da conjuntura cis-sexista da sociedade, gozando de passabilidade, é um grande flerte com a cisgeneridade e os locais construídos para corpos cisgêneros.

A cis-heterossexualidade enquanto condicionante da masculinidade, sobretudo cisgênera, estrutura-se na hierarquia entre homens e mulheres distinguidos biologicamente, sendo o homem: quem detém discursos poderosos, pelo seu apoderamento do membro que numa sociedade cis-falocêntrica, o concede poder para gerir as relações, enquanto chefes das mesmas, e a mulher: quem recebe essas discursividades enquanto sujeita biologicamente inferior. A ausência do falo modifica toda a organização arquitetada pensada para a sustentação dum sistema de relacionamentos no qual o homem domina a mulher submissa. A lógica das relações cis-heterossexuais de atividade masculina e passividade feminina, depende do exercício do falo para ser mantida, sobretudo no que concerne às práticas sexuais enquanto esfera de reprodução dos locais sociais ocupados por cada sujeito.

Por mais que homens trans se adequem às prescrições binárias da masculinidade e possuam performances que sigam o predeterminado para a categoria de sexo/gênero masculina, o máximo que tais sujeitos conseguem é realizar denominado por Butler (2003) como “paródia de gênero”, essa que diz sobre a tentativa de reprodução dum produção que exige configurações cisgêneras para serem realizadas com sucesso, dessa forma, sujeitos trans, apenas parodizam, sobretudo pela lógica essencialista sustentada através do falocentrismo que legitima o poder da categoria masculina cisgênera mediante a exaltação dum sistema fálico. A tentativa de reprodução do arquétipo de performances e condutas pensadas para a masculinidade hegemônica-cisgênera, como meio de legitimar masculinidades que desestabilizam a estrutura binária de sexo/gênero, é uma movimentação comum na constituição de identidades transmasculinas. Contudo, por mais que o sujeito transmasculino incorpore as performatividades socialmente construídas para serem desempenhadas por homens cisgêneros, as configurações constituidoras da categoria cis-masculina, são incabíveis para sujeitos que mediante uma distinção biológica-binária, tenham tido a socialização destinada a sujeitos que Segundo Beauvoir (1960), compõem a categoria do “segundo sexo”, do outro, faltante.

Dessa forma, as transmasculinidades são conduzidas a reproduzirem papéis dum roteiro criado para personagens que diferentemente dessas identidades, foram preparados para atuar dentro do sistema opressivo da masculinidade hegemônica. As interações fomentadas discursivamente na construção das subjetividades e corporalidades transmasculinas, gradativamente incutem nesses sujeitos a concepção introjetada pela lógica cisgênera de que suas identidades, bem como seus corpos, são amadoras, faltantes. As informações propagadas - pelos representantes do neo-colonialismo cisgênero - como verdades acerca das identidades transmasculinas, fomentam nesses a crença da necessidade de recorrer a “complementações” pensadas para o preenchimento das lacunas apresentadas por masculinidades que destoem da hegemonia, masculinidades deficientes.

Essas considerações nos ajudam a compreender o quanto as identidades masculinas precisam de elementos para serem reforçadas/legitimadas, com fins de manutenções normativas, sobretudo quando pensamos na masculinidade enquanto recurso que reforça não somente a estrutura hierárquica entre as categorias sexo e gênero, como também os locais privilegiados existentes dentro da própria categoria

masculina. É de extrema relevância atentarmos-nos ao fato de que até mesmo estruturas de locais de poder, como é o caso da masculinidade passam por diferentes processos formativos, eis a importância dum olhar interseccional. Determinadas estruturas de poder, gozam de seus privilégios somente quando os sujeitos representantes da mesma, usufruem das principais prescrições duma determinada categoria de opressão, como é o caso da masculinidade hegemônica, que exige no mínimo, cisgeneridade, heterossexualidade e branquitude, logo, plenitude em adequação ao molde normativo da categoria.

O pertencimento de marcadores como a cisgeneridade, branquitude e heterossexualidade, determinam tanto a possibilidade de gozo dos privilégios dos sujeitos pertencentes a categoria masculina de sexo e gênero, quanto os efeitos provocados pela perversidade na constituição das mesmas. Dessa forma, entendemos que as diferentes masculinidades, passam por diferentes processos formativos e constituidores das subjetividades dos homens, delimitando em virtude dos mesmos, os diferentes espaços da sociedade a serem ocupados por cada categoria de homem. Os espaços sociais a que me refiro, não se restringem ao físico, dizem também sobre espaços simbolicamente não ocupados por determinadas masculinidades, como o do sujeito desejável, digno de respeito, direitos e afago. A transgeneridade, independentemente da presença de outros marcadores sociais, por si só delimita a homens trans, específicos (não) locais na sociedade e nas interações interpessoais.

O processo a que denomino “crises masculinas”, afeta diferentemente as subjetividades de identidades transmasculinas, sobretudo pelo processo civilizatório biologizante pelo qual os corpos passam. A masculinidade cisgênera encontra-se em crise diante das incoerências partidas da sociedade que exige de sujeitos cis-masculinos performances incompatíveis para com a construção subjetiva obtida por tais identidades. Enquanto as transmasculinidades passam pela crise masculina em detrimento da oposição entre as socializações masculinas cisgêneras e transgêneras - uma vez que as diferentes socializações designadas aos corpos, respaldam-se no pressuposto de que as genitálias definem o sexo/gênero dos indivíduos, logo, determinam os papéis de gêneros a serem exercidos por cada categoria de sexo/gênero - como também pelo não cabimento nos moldes de performances masculinas culturalmente construídos pela e para a cisgeneridade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das pontuações feitas no desenvolvimento da discussão realizada nesse trabalho, pudemos perceber alguns dos problemas envolvidos nas construções da masculinidade hegemônica e seus diferentes efeitos para as categorias de homens cisgêneros e transgêneros. Notamos a asseveração que os impactos da masculinidade cisgênera enquanto categoria que objetiva justamente este fim, tem nas subjetividades de sujeitos inaptos às normatividades predeterminadas às suas existências. Esse estudo deve servir para colaborar na reflexão acerca das armadilhas contidas nas performatividades masculinas hegemônicas que subalternizam identidades que não atuem a serviço da reprodução dum sistema fálico, incitando a necessidade de repensarmos novas configurações para as masculinidades.

Restrepo e Roja (2010) fomentam a discussão em torno da exploração histórica a qual identidades intransigentes, mediante processo de “colonialismo” foram hierarquicamente submetidas, e ainda hoje, mediante a “colonialidade” impressa nas mentalidades, identidades como as transmasculinas são marginalizadas. É de grande

urgência repensar masculinidades que fujam dos moldes cisgêneros, sobretudo no que tange a formação do imaginário de sujeitos com identidades que já dialogam com outras configurações de masculinidade, senão as historicamente implantadas no seio das noções mediante processos civilizatórios coloniais.

Existências masculinas transgêneras são fortemente abnegadas pelo potencial que tais identidades têm de desestruturar sistemas hierárquicos sustentados por intermédio do binarismo que se ampara no falocentrismo. Seguindo essa mesma linha d'eraciocínio Pamplona (2016) ressalta que:

“as transmaculindades ao operarem novas performatividades das masculinidades contribuem para desconstrução da política hegemônica e tradicional dos gêneros naturalizados e biologizados. A dualidade do feminino/masculino pode ser questionada a partir do borramento das fronteiras possibilitado por vivências contestadoras e subversivas.”

Dessa forma, pensar identidades transmasculinas enquanto masculinidades legítimas e completas, sem a necessidade de recorrer a elementos que aludam a masculinidade cisgênera, é significa ameaçar toda uma estrutura colonial regente das relações de opressão entre as classes de sujeitos.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Michel. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1988.
- BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: fatos e mitos**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1960a.
- BEAUVOIR, Simone. “**Feminilidade: uma armadilha**”, *Baptista, M. M. (Org) Gênero e Performance: Textos essenciais 1. Coimbra: Grácio Editor, p. 53-59. 2001.*
- BUTLER, Judith. 2003. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: **Civilização Brasileira**.
- DALCASTAGNÈ, Regina. **Um território contestado : literatura brasileira contemporânea e as novas vozes sociais**. In Besse, Maria Graciete; Tonus, José Leonardo; Dalcastagnè, Regina (Coords.) *La littérature brésilienne contemporaine Iberic@l. Revue d'études ibériques et ibéro-américaines*, 2012 no. 2 p. 13-18
- FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. In S. Freud. *Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud* (vol. 21). Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- PAMPLONA, RENATA SILVA. Transmasculinidades: novas visibilidades frente à normatividade dos gêneros. **Congresso Internacional de História**, [S. l.], 29 set. 2016. Disponível em:
http://www.congressohistoriajatai.org/2016/resources/anais/6/1477921340_ARQUIV_O_TEXTOCOMPLETOOFICIAL.pdf. Acesso em: 5 jun. 2019.
- RESTREPO, Eduardo. e ROJAS, Axel. **Inflexión decolonial: fuentes, conceptos y cuestionamientos**. Instituto de Estudios Sociales y Culturales Pensar: Popayan, 2010, p. 15-22.

